BELEZA:

Quando o Meu Par Sou Eu

Alice Walker[1]

Cultivar amor próprio e uma auto-imagem positiva é bom para a saúde. Infelizmente as mulheres negras são constantemente representadas de forma negativa. É ainda mais difícil para mulheres negras com alguma deficiência aprenderam a aceitar e celebrar suas diferenças. No texto abaixo, a escritora Alice Walker descreve como perdeu a visão no seu olho direito e como descobriu que a beleza vem do espírito, não da aparência externa.

Evelyn C. White

É um lindo dia de verão em 1947. Meu pai, um homem gordo e engraçado, de olhos bonitos e de uma percepção quase subversiva, está tentando decidir qual dos oito filhos vai levar para a feirinha no parque. É claro que minha mãe não vai. Está exausta depois de arrumar as crianças: eu, com o pescoço duro sob a pressão de suas mãos, enquanto ela termina de trançar e enrolar meus cabelos.

Meu pai trabalha como motorista para a mulher branca e rica que mora no final da estrada. O nome dela é Madame Mey. Ela é dona de toda a terra da região e também da casa onde moramos. A única lembrança que tenho dela foi quando ela ofereceu 35 centavos para minha mãe limpar toda a sua casa, tirar pilhas de folhas de magnólia do jardim e lavar a roupa da família, e minha mãe – sem dinheiro, oito filhos e uma dor de cabeça crônica – se recusou. Mas eu não penso nisso em 1947. Eu tenho dois anos e meio. Quero sair com meu pai. Adoro sair de carro com ele. Alguém me disse que essas feiras são superlegais. Nem me importo em saber que só cabem três pessoas no carro. Toda arrumadinha e exibida, com meus sapatos de couro brilhando e meias cheirosas, balançando a cabeça para mostrar os lacinhos, com a mão na cintura, chego pro papai. “Me leva, pai”, digo com convicção; “Sou a mais bonita!”

---

[1] É autora de vários romances, poesias, contos e livros infantis. Em 1983, recebeu o Pulitzer Prize, o prêmio de literatura mais importante dos EUA, por seu romance *A Cor Púrpura*. Seu livro foi adaptado para o cinema, sob direção de Steven Spielberg. Atualmente vive na Califórnia.

Mais tarde, não me surpreendo em me ver naquele carrão preto da Madame May, dividindo o banco de trás com os outros sortudos. Não me surpreendo por ter adorado a feira. Naquela noite em casa, conto para os azarados tudo que consigo lembrar sobre o carrossel, o homem que comia galinhas vivas e os bichinhos de pelúcia, até eles reclamarem: tá bom, chega Alice. Fica quieta e vai dormir.

É domingo de Páscoa, 1950. Estou com um vestido verde, de saia rodada (feito à mão pela minha querida irmã, Ruth) com um casaquinho acolchoado de florzinhas cor-de-rosa. Meus sapatos novos com tirinhas de couro, novamente brilhando. Tenho seis anos e decorei um longo versinho de Páscoa, bem diferente daquele que recitava quando tinha dois anos: “Flores de Páscoa/puras e brancas/desabrocham/na luz da manhã”. Quando chega a minha vez de recitar, sinto aquela onda de amor, orgulho e expectativa. As pessoas na igreja param e parecem prender a respiração. Sei que elas gostam do meu vestido, mas é o meu espírito cheio de graça (de menina) que elas aplaudem em segredo.

“Essa menina é impossível”, sussurram satisfeitos.

Claro que recito meu versinho sem titubear ou escorregar. Não sou como aquelas que titubeiam, escorregam ou, pior ainda, esquecem. Isso foi antes da palavra “bonita” fazer parte do vocabulário das pessoas, mas sempre diziam “Ela é uma gracinha!” “E tão compenetrada”, acrescentavam com delicadeza... até hoje sou grata por acrescentarem esse comentário.

Ser uma gracinha era superdivertido. Mas aí, um dia, isso acabou.

Tenho oito anos e sou um moleque. Visto um chapéu de *cowboy*, uma bota de *cowboy*, camisa e calça listrada, tudo vermelho. Brinco com meus irmãos, dois e quatro anos mais velhos que eu. Suas roupas são pretas e verdes, a única diferença entre as roupas que vestimos. No sábado à noite vamos todos para o cinema, até minha mãe; ela gosta dos filmes de mocinho e bandido. Quando voltamos para casa, no “rancho”, fingimos que somos Tom Mix, Hopalong Cassidy, Lash La Rue (até botamos o nome de Lash La Rue em um de nossos quatro cachorros); um correndo atrás do outro espantando boi, somos bandidos, pregamos sustos. Aí meus pais decidiram comprar revólveres para meus irmãos. Mas não são revólveres de verdade. Meus irmãos dizem que são de espoleta, para matar passarinho. Eu não ganho um revólver porque sou

menina. Rapidamente sou rebaixada à posição de índio. Existe agora uma grande distância entre nós. Eles não param de atirar em tudo que encontram. Eu tento acompanhar com meu arco e flechas.

Um dia, estava no teto do esconderijo que construímos – segurando meu arco e flecha e olhando tudo lá de cima, quando senti uma pancada horrível no meu olho direito. Olhei pra baixo bem há tempo de enxergar meu irmão e seu revólver.

Meus dois irmãos vieram correndo. Meu olho ardendo e eu cobrindo com a mão. “Se você contar”, disseram, “vamos apanhar de chicote. Você não quer que isso aconteça, né? Nem nós”. “Toma esse arame”, disse meu irmão mais velho, “diz que você pisou nele e a outra ponta bateu no seu olho.” A dor estava começando. “Tá bom”, respondi, “vou dizer que foi isso que aconteceu”. Se não disser o que meus irmãos querem que diga, sei que vou me arrepender. Preciso dizer qualquer coisa que me leve até a minha mãe.

Quando meus pais perguntaram contamos aquela mentira que tínhamos combinado. Eles me levaram para a varanda e eu fiquei deitada num banco, com o olho esquerdo fechado enquanto eles examinavam o olho direito. Tem uma árvore crescendo por dentro da varanda que já passou do teto. É a última coisa que meu olho direito enxerga. Vejo seu tronco, seus galhos, até que as folhas são cobertas pelo sangue que escorre.

Estou apavorada. Primeiro, febre alta que meu pai tenta controlar colocando folhas de lírio na minha cabeça. Depois vêm os calafrios: minha mãe tenta me levantar para tomara sopa. Mais tarde, não sei como, meus pais descobrem o que tinha acontecido. Uma semana depois do “acidente” eles me levam ao médico. “Por que demoraram tanto para me procurar?” perguntou, examinando meu olho e balançando a cabeça. “Os olhos são solidários”, disse. “Se um fica cego, o outro provavelmente ficará também”.

Fico aterrorizada com esse comentário. Mas o que mais me incomoda é a minha aparência. Em volta do lugar onde entrou a espoleta está tudo inchado com uma cicatriz enorme e uma catarata escondida. Agora, quando olho para as pessoas – meu passatempo predileto até hoje – elas também olham para mim. Não para menina

“gracinha”, mas para a sua cicatriz. Durante seis anos não olhei para mais ninguém, porque nem levantava a cabeça.

Anos depois, em meio a uma crise de meia-idade, perguntei à minha mãe e à minha irmã se havia mudado depois do “acidente”. “Não”, responderam surpresas. “Por que”?

Por que?

Tenho oito anos e pela primeira vez vou mal na escola, onde fui considerada um gênio desde os quatro anos. Acabamos de nos mudar do lugar onde aconteceu o “acidente”. Não conhecemos ninguém por que estamos morando num outro município. Só encontro meus amigos quando vamos à igreja. Minha nova escola tinha sido um presídio. É um prédio de pedra enorme, frio e úmido, lotado de crianças mal educadas. No terceiro andar tem uma marca circular de um compartimento que foi destruído.

“O que era isso aqui?” Perguntei a uma menina quando saíamos para o recreio. “A cadeira elétrica”, respondeu.

Tenho pesadelos com a cadeira elétrica e com as pessoas supostamente “fritas” nela. Tenho medo da escola, onde os alunos parecem protótipos de marginais.

“O que você tem no olho?” perguntam como se estivessem me criticando. Quando não respondo (não sei dizer se foi um “acidente” ou não), eles partem pra briga. Meu irmão que inventou a história do arame, vem me socorrer. Mas ele é tão convencido porque “me protege”, que eu não agüento.

Depois de meses, meus pais decidem me mandar de volta para a minha antiga escola. Moro com meus avós e uma professora que vive com eles. Mas não tem lugar para Phoebe, minha gata. Quando finalmente meus avós concordam em trazer a gata, ela desaparece. A professora, chamada Tia Yarborough, cuida de mim e começa a me ensinar a tocar piano. Mas pouco depois ela se casa com um africano – um “príncipe”, como ela diz – e é levada para outro continente.

Na minha escola pelo menos uma professora gosta de mim. É a professora que “me conhece desde antes de eu nascer” e comprou minha primeira roupinha de bebê. É ela quem me faz suportar a vida. É a presença dela que me dá coragem para enfrentar o garoto que me chama de “puta caolha”. Um dia, eu simplesmente o agarrei pelo casaco

e bati nele até não poder mais. É minha professora quem me conta que minha mãe está doente.

Minha mãe deitada de dia, nunca tinha visto isso. Ela sente tanta dor que nem consegue falar. Tem uma inflamação no ouvido. Eu ali parada. Olhando pra ela, sei que se ela morrer eu não vou querer mais viver. Ela está sendo tratada com óleos mornos e tijolos quentes em volta do pescoço. Finalmente chega o médico. Mas eu preciso voltar para a casa dos meus avós. O tempo passa sem que eu perceba. Só sei que minha mãe pode morrer, meu pai não vai segurar, meus irmãos ainda têm seus revólveres, e eu tive que sair de casa.

"Você não mudou nada", diziam.

Se nunca imaginei a angústia de não olhar?

Tenho 12 anos. Quando meus parentes vêm visitar eu me tranco no quarto. Minha prima Brenda, quase da minha idade, vem me procurar. Seu pai trabalha nos Correios e sua mãe é enfermeira. Ela vê uma foto que tirei há pouco tempo na escola, contra a minha vontade por causa da cicatriz, e pergunta, "Você ainda não consegue enxergar com esse olho?" "Não" respondo, e volto a ler meu livro.

Naquela noite, como sempre, eu maltrato meu olho. Grito e xingo em frente ao espelho. Imploro para que amanheça curada. Odeio e desprezo meu olho. Eu não rezo pela minha visão. Rezo pela minha beleza.

"Você não mudou nada", dizem.

Tenho 14 anos e estou cuidando do filho do meu irmão Bill, que mora em Boston. É o meu irmão predileto e temos uma conexão muito forte. Ele e sua esposa entendem como tenho vergonha e me sinto feia, e me levam para o hospital onde um médico chamado O. Henry consegue tirar aquela "bola" do meu olho. Ainda tem uma pequena cicatriz, mas aquela coisa branca horrível desapareceu. Quase imediatamente me transformo numa pessoa totalmente diferente daquela menina que não olha para ninguém. É assim que me vejo. Agora posso ter muitos amigos. Agora será tão fácil fazer o trabalho da escola quanto era recitar o versinho da Páscoa, e vou terminar o ginásio como a melhor aluna, uma rainha nem posso acreditar. Por ironia do destino, anos depois, a menina eleita a mais bonita da nossa turma (e realmente era) foi

assassinada com dois tiros no peito por seu companheiro, quando estava grávida. Mas essa é outra história. Será mesmo?

“Você não mudou nada dizem”, dizem.

Trinta anos se passaram desde o “acidente”. Uma jornalista muito bonita vem me entrevistar. Ela vai escrever uma reportagem de capa sobre meu último livro. “Você precisa decidir com quer a foto da capa”, disse. “Deslumbrante, ou tanto faz.” Minha única preocupação é se vou conseguir dormir bem na noite anterior à foto: se não conseguir, meu olho vai aparecer cansado e atravessado, como olho de cego.

Na cama com meu namorado, começo a inventar desculpas para não aparecer na capa daquela revista. “Os críticos vão dizer que meu trabalho é muito comercial”. “Minha família vai descobrir que escrevo esses livros estranhos”. E ele pergunta: “Mas qual é o problema”?

“É que, com certeza”, respondo rispidamente, “meu olho vai parecer torto.”

“Não vai não”, argumenta, “Eu pensei que você já tivesse resolvido isso.”

E naquele momento eu percebi que tinha.

Lembro que:

Estou conversando com meu irmão Jimmy, perguntando se ele lembra de alguma coisa estranha no dia que fui ferida. Ele não sabe que considero aquele dia como o último em que meu pai, com seu remédio caseiro de folhas de lírios frescos me escolheu, e quanto eu sofri por isso. “Bom”, ele disse, “só lembro de ir com papai para a beira da estrada e pedir carona. Um homem branco parou, mas quando papai disse precisava levar sua filha para o hospital, ele foi embora.”

Lembro que:

É a primeira vez que venho ao deserto. Estou totalmente fascinada. Estou tão impressionada pela sua beleza que percebo pela primeira vez, conscientemente, o significado das palavras daquele médico há anos atrás. “Os olhos são solidários. Se um fica cego, o outro provavelmente ficará também.” Percebi que tenho rodado mundo afora, olhando isso e aquilo, guardando imagens no desaparecimento da luz. Mas talvez eu tenha deixado de ver o deserto! O choque daquela descoberta – e a gratidão por mais

de 25 anos de visão – me colocou literalmente de joelhos. E a cada poema, volta – talvez porque seja assim que os poetas rezem.

VISÃO

Sou tão grata por ter visto
O Deserto
e as criaturas do deserto
e o próprio deserto.

O deserto tem sua própria lua
que eu vi
com meu próprio olho.
Lá não tem bandeira.

Árvores do deserto têm braços,
Todos sempre pra cima,
isso porque a Lua está um cima,
o Sol está em cima,
o céu também,
as estrelas,
nuvens,
nenhuma tem bandeiras.

Se tivessem bandeiras, eu duvido
as árvores apontariam.
E você?

Do que mais me lembro:

Tenho 27 anos, e minha filha quase três. Desde que ela nasceu me preocupo com o que vai acontecer quando descobrir que os olhos de sua mãe são diferentes dos das outras pessoas. Será que ela vai se envergonhar? Fico pensando. O que ela vai dizer? Todos os dias ela assiste a um programa na televisão chamado *Grande Mármore Azul*, que começa com uma imagem da Terra vista da Lua. A Terra é azul, está um pouco amassada, mas cheia de luz, com umas nuvenzinhas girando em sua volta. Cada vez que vejo essa imagem, choro como se estivesse vendo uma foto da casa da minha avó. Um dia quando estou fazendo a Rebbeca dormir, ela olha dentro dos meus olhos. Algo em mim se reprime e procuro me proteger. As crianças são cruéis quando se trata de deficiências físicas. Sei por experiência própria, mesmo que se diga que não fazem por mal. Por que com a Rebecca seria diferente?

Mas não. Ela examina meu rosto com atenção, Eu ali parada e ela me pé no berço. Ela segura meu rosto com suas mãos fofinhas e, parecendo tão séria quanto seu pai, diz como se estivesse distraída: “Mãe, tem um mundo no seu olho.” Depois, gentilmente, mas muito compenetrada: “Mãe, de onde vem esse mundo que você tem no olho?”

Naquele momento meu sofrimento desaparece quase por completo. (Mas de que adianta, se meus irmãos ainda compram revólveres para seus filhos e eles próprios carregam armas?) Rindo e chorando corri para o banheiro e Rebecca ficou cantarolando até dormir. Realmente percebi olhando no espelho. Tinha um mundo no meu olho. E percebi que seria possível amá-lo: que apesar de toda a vergonha, de toda a raiva, de toda a timidez, eu o amava. Mesmo nos momentos em que ele girava repetidamente, ou rodava até cansar, sem mencionar quando flutuava exorbitante (se ninguém acredita, uma amiga já viu), tinha tudo a ver com a minha personalidade.

Naquela noite, sonho que estou dançando ao som da canção *Sempre* de Stevie Wonder (o título da música é “Como”, mas para mim é “Sempre”). Estou dançando, girando, mais feliz do que nunca, outra pessoa iluminada vem dançar comigo. Nós dançamos e nos beijamos e nos abraçamos a noite toda. É claro que essa outra dançarina se diverte como eu. Ela é linda, inteira e livre. Como eu.

Tradução: Maisa Mendonça